



<b>Expresso</b>  05-12-2009	Periodicidade:	<b>Semanal</b>	Temática:	<b>Cultura</b>
	Classe:	<b>Informação Geral</b>	Dimensão:	<b>379</b>
	Âmbito:	<b>Nacional</b>	Imagem:	<b>S/Cor</b>
	Tiragem:	<b>167000</b>	Página (s):	<b>25</b>

# Cabaré Fernando Pessoa

O GRANDE POETA VOLTA AO PALCO  
POR JOÃO GARCIA MIGUEL

AO DECIDIR levar a cena “O Banqueiro Anarquista”, de Fernando Pessoa, João Garcia Miguel reincide no universo pessoano pela terceira vez. “Livro do Desassossego” e “Ode Marítima” inspiraram-no, anteriormente, e deram origem a espectáculos com o mesmo nome.

“O Banqueiro Anarquista” merece, contudo, uma abordagem de maior fôlego. Ao contar com a produção do Teatro Maria Matos e alguns contratos para digressão, João Garcia Miguel abandona um tipo de produção mais comedida, e avança para o que no contexto das suas habituais hipóteses de criação é mesmo uma grande

**O BANQUEIRO ANARQUISTA**  
de Fernando Pessoa  
Teatro Maria Matos,  
Lisboa, dias 10 a 15



**ANTON SKRZYPICIEL**  
(à direita)  
é o banqueiro,  
e João Pedro Santos o amigo

produção. Com mais meios ao seu dispor, o criador elabora um dispositivo cénico mais arrojado.

O conto que Fernando Pessoa escreveu em 1922, e publicou no nº 1 da “Revista Contemporânea”, é, de resto, recriado num ambiente de cabaré anarquista do princípio do século, no qual a música e as suas intérpretes se tornam os principais actores (Ana Rosa Abreu, Isa Araújo e Sara Ribeiro).

A Anton Skrzypiciel, actor australiano radicado em Portugal, fica entregue o papel principal — o de banqueiro. Como já fez noutras colaborações com Garcia Miguel (como no espectáculo “Burger King Lear”), Skrzypiciel interpreta em inglês, embora seja interpelado em português pelo seu novo amigo (João Pedro Santos).

Criando dois universos paralelos, o da cena do banqueiro no restaurante, encarregue de explicar o inexplicável (de como um banqueiro pode de facto ser um anarquista); e o do cabaré, Garcia Miguel procura um contexto que alimente a própria obra. Recorre à utilização de ecrãs nos quais o vídeo é utilizado como lugar de referência, citação artística e teatral ou registo em tempo real da própria cena, e mergulha na componente musical, criando canções (com Steve Bird).

O vídeo aparece em formas próprias, ecrãs (triangulares) que o próprio encenador desenhou, de forma a que estes fossem mais do que meros ecrãs, e se tornassem elementos que servem apenas as necessidades teatrais.

CRISTINA MARGATO